

70 ✓

feb

Nem só quando os campos estão floridos ou quando as estruturas dos edifícios das cidades ainda não foram abaladas pelos obuses é que se sente a presença da solidariedade humana. Imagine-se a atmosfera de uma guerra. Os que dela participam o fazem porque lhes incumbe um dever, pela causa que abraçam. Heróis não são apenas os que concatenam as grandes operações e os que nelas estão integrados. Há o trabalho anônimo dos médicos, enfermeiras e padioleiros que se dedicam à missão de curar e de diminuir as dores do próximo, mesmo que este seja seu inimigo no teatro da luta. No bisturi que rasga, na atadura que protege e na maca que conduz, eis, afinal, a esfera de combate e da bravura de cada um.



ÊLE COMEÇOU como médico de detentos e aos 23 anos fêz concurso para o Exército. Hoje, Marechal da reserva, 74 anos, casado, pai de 2 filhos e avô de 10 netos, EMMANUEL MARQUES PORTO, ex-chefe do Serviço de Saúde da Fôrça Expedicionária Brasileira, tem uma série de fatos ligados à Segunda Guerra para comentar. Foi graças à sua competência que se pôde dar aos feridos, em hospitais brasileiros no teatro de operações, condições de tratamento aproximadas ao ideal. Antecipou-se à chegada da nossa tropa, passando um ano como observador médico do Exército norte-americano na África. Êsse estágio permitiu-lhe ajustar, posteriormente, a organização do Serviço de Saúde da FEB na Itália. Dêle constavam quatro tipos de hospitais, parecidos a norte-americanos, mas conduzidos por brasileiros: o *Field Hospital*, para emergências, o *Evacuation Hospital*, complementador do trabalho do primeiro, o *Station Hospital*, uma transição, e o *General Hospital*, de que se saía para voltar à pátria ou retornar à frente. Não lhe foi possível, em razão dos encargos, mostrar sua perícia como cirurgião. Além das tarefas que lhe cabiam como chefe, assegurou sempre que possível sua presença em todos os locais onde seus subordinados desempenhavam as respectivas funções. Destaca as figuras de Mascarenhas de Moraes e Castelo Branco pela fé e confiança inabaláveis no soldado brasileiro. E salienta a do socorrista, que, pela bravura, espírito de solidariedade humana e eficiência, constituiu-se num ponto alto dos sucessos obtidos no setor de saúde.

REVISTA



ANO 31
Nº 1

71

ANTONIETA FERREIRA VILLAS BOAS não esperava que tudo terminasse tão cedo, quando surpreendida pela notícia da rendição nas proximidades do Vale do Pó. A Guerra parecia interminável à medida que o número de feridos aumentava. Não via o disparar dos canhões da artilharia, mas escutava-lhes o troar contínuo. Depois, começavam a chegar "os rebutalhos humanos, verdadeiros restos de gente". Retiravam os estilhaços como se estivessem separando feijões. Certa vez um cirurgião, ajudado por Antonieta, "catou" 68 pedaços de uma granada no corpo do Capitão (hoje General) Hélio Pôrto Carrero de Castro. A fadiga, o desconforto e o frio, à época do rigoroso inverno europeu, nunca a desestimularam. E só tinha uma folga em 15 dias! Um exemplo de solidarismo que começou no Rio de Janeiro, na Cruz Vermelha. Professora de Socorros de Urgência, sentiu-se na obrigação de pertencer ao Serviço de Saúde da Fôrça Expedicionária Brasileira. Antecipou-se mesmo aos nossos "pracinhas", indo, primeiro, a Argel e, em seguida, a Nápoles, onde os recebeu. Daí para o *Evacuation Hospital*, um dos quatro tipos estabelecidos e o segundo colocado, a contar da linha de frente para a retaguarda. Na volta ao Rio, a alegria do reencontro com a cidade e o casamento. Condecorações, fotografias e lembranças outras são guardadas carinhosamente como prova do seu patriotismo.



Na família de VIRGÍNIA MARIA N. PÔRTO CARRERO não ser militar é exceção. Seu bisavô, o Barão Forte de Coimbra, lutou na Guerra do Paraguai. Outra curiosidade: na ocasião da Segunda Guerra, 22 familiares, entre eles seu pai, estavam na ativa, e dêsses, ela própria — que pertencia ao Serviço de Saúde da FEB, servindo no *Evacuation Hospital* — e mais quatro foram à Itália como componentes do contingente brasileiro. Registra a rendição de uma divisão alemã como um fato emocionante. Na presença do Marechal Mascarenhas de Moraes a juventude alemã, perfilada, coberta por pedaços de farda e espelhando no andar e na face a imagem da derrota, entregava a identidade e as armas. E, também, chorava. Os vencedores não tripudiaram sobre os vencidos. Os feridos alemães foram assistidos, por ela e outras companheiras, com a mesma devoção dedicada aos nossos soldados. Lembra, ainda, o inverno, a neve caindo, as barracas e os oito cobertores insuficientes para deter o frio. E a presença de homens que, depois, vieram a participar da vida pública do país, como Castelo Branco, ex-Presidente da República.



JACYRA GOES DE SOUZA, que antes da Guerra era escrevente juramentada, fêz uso até da mentira para manter elevado o moral dos seus feridos. Habituada à rotina dos trabalhos do cartório, viu-se, como num passe de mágica, às voltas com as mais diferentes ocupações, a mais sublime das quais era alimentar o paciente inimigo à semelhança do aliado, com o mesmo interesse, idêntica bondade e igual paciência. Estava nas proximidades do Vale do Pó quando veio a rendição. Chegou-lhe a notícia através de um oficial, tão surpreendente que êle necessitou repeti-la para não parecer bêbedo. A missão não fôra terminada. Vinte e quatro horas depois daquele comunicado, o *Field Hospital* — localizado a 2 km do QG avançado e onde ela trabalhava — recebeu uma leva de soldados alemães feridos, em tal estado que foi necessário banhá-los para cuidar dos ferimentos. Aos deuses vencidos, médicos e enfermeiras não fizeram distinção. Êste vocábulo inexistente no dicionário dos que se entregam à causa da solidariedade humana. Suas recordações são muitas e vão do Saara, sobrevoado num avião com um dos dois motores avariado, às lágrimas que derramou quando viu em Livorno a Bandeira do Brasil hasteada e ouviu o Hino Nacional, após o *Te Deum* que um cura daquela cidade italiana celebrou para homenagear nossa pátria no dia da Proclamação da República.

HINO SADAYUKI foi um dos que pôde sentir de perto a ternura das enfermeiras da FEB. Ferido em Monte Castelo, é mandado à retaguarda e percorre os quatro tipos de hospitais. A Guerra deu-lhe um *deficit*: amputação de duas pernas e de dois dedos da mão esquerda. Foi no segundo obstáculo antes de atingir Monte Castelo que êle caiu, apanhado por uma rajada de metralhadora do inimigo, às cinco horas da manhã do dia 12 de dezembro de 1944. Sômente no dia 19 do mesmo mês, membros da resistência italiana encontraram-no. Aí começou êle o regresso, que terminou no Hospital Central do Exército (Rio), quase dois anos após ter sido assinada a rendição. Nos Estados Unidos, antes de voltar ao Brasil, passou 18 meses, submeteu-se a sete intervenções e recebeu duas pernas mecânicas que lhe permitem locomover-se razoavelmente. Pertencia ao Regimento Sampaio e seu batismo de fogo foi em Santamaria, onde ficou 20 dias. A Guerra parecia-lhe uma coisa terrível, mas seu dever para com a pátria impunha-se. Paulista, descendente de japoneses, guarda consigo as condecorações, uma das quais foi-lhe conferida pelo Govêrno da França, e outras lembranças, principalmente fotografias. Hoje só fala da luta quando solicitado. Prefere responder sôbre sua espôsa, sua excepcional companheira há 12 anos, e seus quatro filhos •

